



Vista da exposição “MARGS 70+1 – Percursos de um acervo”, apresentada em 2025 no MARGS. Crédito: Anderson Astor

PROCESSO E PENSAMENTO CURATORIAL EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO

FRANCISCO DALCOL – ABCA/RS

RESUMO: O presente texto consiste em um estudo reflexivo com enfoque na curadoria a partir de acervos de arte no contexto de museus de tipologia artística. A abordagem teórica fundamenta e se relaciona com um campo de experimentação prática de estratégias expositivas que vêm sendo exploradas desde 2019 no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. O enfoque é a potencialidade de se explorar inter-relações entre obras diversas e distintas quanto à sua época e tipologia, a partir de um olhar situado desde o presente artístico, histórico e social e que problematiza os esquemas temporais e as convenções e as categorias da história da arte. Assim, defende-se a experimentação curatorial no museu de arte como estímulo para que novas leituras e interpretações possam ser iniciadas e para que diferentes maneiras de ver e exibir possam ser exploradas, como modo de se discutir, abordar e reconsiderar o significado e as relações entre objetos e imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Curadoria; museu de arte; acervo; estratégias expositivas; anacronismo.

ABSTRACT: This article presents a reflective study focusing on curatorial practice based on art collections within the context of art museums. The theoretical approach is grounded in, and connected to, a field of practical experimentation with exhibition strategies that have been explored since 2019 at the Museum of Art of Rio Grande do Sul – MARGS. The emphasis lies in the potential to explore interrelations between diverse and distinct artworks in terms of period and typology, from a perspective grounded in the artistic, historical, and social present. This approach challenges temporal frameworks, conventions, and the traditional categories of art history. Thus, curatorial experimentation in art museums is advocated as a stimulus for initiating new readings and interpretations, and for exploring alternative ways of seeing and exhibiting – as a means to discuss, address, and reconsider the meaning and relationships between objects and images.

KEYWORDS: Curatorship; art museum; collection; exhibition strategies; anachronism.

PENSAMENTO CURATORIAL EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO

As obras de um acervo acionam memórias e narrativas. Mas ainda que esses objetos possam ser sempre os mesmos, os seus sentidos se relacionam e se renovam com o mundo e a realidade em que são inseridos; e esses contextos e sensibilidades mudam, oferecendo múltiplos significados e interpretações alternativas, que redimensionam nossa própria compreensão e experiência com a arte.

Dito de outro modo, obras de arte não são estáticas nem unívocas, e o ato de as “expor-e-expor” continuamente, segundo o princípio de que acervos sejam “praticados”, permite que possam ser sempre pensadas e repensadas. Afinal, acervos respaldam, hierarquizam e canonizam valores e narrativas que se impõem como oficiais e vigentes de uma história da arte que tem sido reconsiderada criticamente quanto ao reexame das bases eurocêntricas e colonizantes que assentam a sua constituição e legitimação.

Isso vai ao encontro da ideia de que museus devem problematizar suas narrativas, cânones e genealogias, e também as presenças, lacunas e sub-representações, abrindo-se à reconsideração e ao reenquadramento com novas formas de refletir sobre seu próprio papel e atuação. Não só em relação a como a arte é colecionada e exibida, mas a como pode incluir vozes e visões, enquanto espaço ativamente mais plural e menos assimétrico em sua atuação na esfera pública.

A partir dessas premissas, desde 2019 temos procurado desenvolver, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, uma perspectiva de abordagem do acervo focalizada em explorar a potencialidade das inter-relações entre obras diversas e distintas quanto à sua época e tipologia, a partir de um olhar situado desde o presente artístico, histórico e social.

O pressuposto curatorial é o de que os objetos são colocados “em cena” e em “relação”, segundo correlativos críticos e associativos

que articulam a distância temporal de inscrição da obra e a sua inserção na circunstância expositiva, de modo a se explorar novas especulações.

Essa compreensão envolve ainda uma mudança na ênfase de enfoque: menos para o que uma obra significaria ou representaria, ou seja, o foco no objeto; e mais para o dos sentidos e efeitos que é capaz de produzir, ou seja, o foco no sujeito que percebe e experimenta¹.

Tal expediente, a nosso ver, tem sido aprofundado por estratégias curatoriais que se fundamentam por uma reflexão sobre a própria estrutura e modelo dos formatos expositivos, igualmente repensando os esquemas cronológicos e de estilo.

São exposições cujas curadorias investem em relacionar e justapor objetos artísticos diferentes e distantes historicamente, problematizando os esquemas temporais da história da arte, na medida em que favorecem uma “compreensão mais radical da temporalidade”², efeito da “disjunção temporal” que resulta da articulação de “múltiplas temporalidades”.



Programa “Acervo em movimento”, iniciado em 2019 no MARGS. Na foto, versão do programa abordando as aquisições para o acervo do museu entre 2019 e 2022. Crédito: Anderson Astor



Vista da exposição “MARGS 70+1 – Percursos de um acervo”, apresentada em 2025 no MARGS. Crédito: Anderson Astor

Ao explorar relações e correspondências entre obras distintas, através de procedimentos curatoriais experimentais associativos e indagativos, encontram a possibilidade de provocar novas interpretações e sentidos, indo ao encontro da compreensão de que museus devem problematizar seus cânones, genealogias e narrativas.

Através da articulação de temporalidades diversas, tais estratégias expositivas exploram relações trans-históricas e transgeográficas, segundo premissas e procedimentos curatoriais que operam com a noção de “anacronismo” em história da arte³, uma vez que se relacionam aos questionamentos acerca das narrativas historiográficas em suas visões hegemônicas e de sentido de evolução linear, contra a defesa historicista de que cada objeto ou evento pertence a um tempo e lugar específicos.

Assim, compõem uma linhagem de exposições que propõem compreensões alternativas ao viés linear, cronológico e evolutivo que incide

sobre a história da arte com suas categorias e convenções, traçando novos enfoques para a disciplina.

É essa reflexão que ampara o contexto de implementação no MARGS de uma linha de prática e pensamento em curadoria que assume um posicionamento crítico de reconsideração histórica e de autoexame institucional, mediante um conjunto de estratégias expositivas e metodologias curatoriais de abordagem e divulgação do acervo que vêm sendo exploradas.

Tal processo se vincula a um campo de renovado interesse no contexto dos museus de arte sobre a formação de coleções/acervos e seus modos de ver, interpretar e exhibir.

Ao se explorar estratégias de abordagem através de processos curatoriais voltados à experimentação de formatos expositivos em contexto museológico, tem-se por objetivo repensar modos tradicionais e convencionais de exibição de acervos de arte pelos museus e seus modelos institucionais de apresentação, mediação e construção de significado.

Essa espécie de partido curatorial permite convocar um texto de 1992, que hoje pode ser considerado um antecedente sobre a discussão em torno da compreensão de anacronismo em história da arte, como expediente aplicado à curadoria de exposições. Naquela ocasião, Debora J. Meijers já argumentava sobre o que identificava ser uma vertente de “exposições não cronológicas”⁴, descrevendo-as como uma tipologia de modelos expositivos que nomeou como “exposição a-histórica”.

Desde então, os termos têm sido comumente empregados para uma diversidade de exposições praticadas sob diferentes interesses, mas que têm em comum a articulação de imagens e objetos independentemente do arranjo cronológico tradicional.

O objetivo é revelar correspondências entre obras de períodos e culturas que podem ser muito distantes.

Essas afinidades ultrapassam as fronteiras cronológicas, bem como as categorias estilísticas convencionais implementadas na



Detalhe da exposição “MARGS 70+1 – Percursos de um acervo”, apresentada em 2025 no MARGS. Crédito: Anderson Astor

história da arte. A classificação clássica em termos de material também é abandonada [...] ⁵.

Sua definição de “exposição a-histórica” se centra, portanto, naquelas que evitam a cronologia, assinalando um desvio do viés linear e evolucionista e das categorias periódicas. Meijers argumentava ser efeito, em alguns círculos da história da arte, da crescente descrença na compreensão historiográfica firmada no século XIX, somada à simultânea erosão da noção de estilo. O que nos levaria a “encarar o fato de que as noções aparentemente incontestáveis que os historiadores da arte empregam são construções”⁶.

Nessa discussão sobre a recorrência do modelo expositivo não cronológico, aborda ainda o que identificava ser uma consequência: o fenômeno dos curadores exercendo um papel de “onipotente árbitro do gosto”. Meijers se voltava às práticas curatoriais de Harald Szeemann e Rudi Fuchs na documenta de Kassel, mas as suas “exposições

heterogêneas, com obras relacionadas por associação visual, libertadas de qualquer categoria cronológica, de período ou estilo”⁷ também tinham entre seus precursores curadores como René d’Harnoncourt, Jean-Hubert Martin e Jan Hoet.

Considerando que a justaposição de obras distintas e distantes no tempo se tornou uma tendência amplamente difundida e recorrente, importa hoje assinalar a compreensão de que as noções tradicionais de desenvolvimento cronológico e de estilos separados não são mais defensáveis. Isso envolve o questionamento da noção de história da produção artística como processo evolutivo, uma vez que se tornou amplamente questionável a defesa de que progrida e evolua irreversivelmente a cada etapa, a partir da anterior.

Ao final desse seu texto precursor, Meijers já trazia questões que ainda hoje são pertinentes para aprofundar a reflexão crítica que envolve o partido curatorial de se explorar correspondências e

afinidades entre obras distintas, notadamente quando afirma:

[...] através do confronto de obras que diferem consideravelmente em termos de material, estilo e época, as suas características ficam mais claras e as afinidades podem até ser detectadas.⁸

Desse modo, argumentava que “facilitar as comparações”⁹ permitiria apresentar a arte “em toda a sua diversidade”, ao contrário de “uma exposição baseada no pressuposto de linhas de desenvolvimento separadas, ou seja, de estilos separados”, que “violenta esta diversidade”¹⁰.

Meijers evocava como antecedente a disposição da galeria “mista” dos séculos XVII e XVIII, quando os mecenas aristocráticos e a academia apresentavam obras ainda sem estarem organizadas geográfica e cronologicamente:

Havia certamente uma consciência da possibilidade de tais classificações em termos de escolas, mas ninguém sentiu necessidade de as expor em salas de exposição ou galerias.



Vista da exposição “MARGS 70+1 – Percursos de um acervo”, apresentada em 2025 no MARGS. Crédito: Anderson Astor

Pelo contrário, as escolas foram misturadas [...]¹¹.

Discutindo questões semelhantes sobre as possibilidades de relações de afinidades entre obras distantes historicamente, Klio K. Panourgias traz a seguinte ilustração em seu estudo sobre exposições de caráter temático:

Por exemplo, o que o trabalho clássico de um pintor reconhecido e historicamente realizado ganha ao ser exibido ao lado de uma obra contemporânea de um artista não estabelecido ou, pelo menos, não consagrado, enquanto os benefícios opostos são óbvios? Eu diria que o trabalho mais antigo, reconhecido e historicamente superior pode ganhar novo reconhecimento e relevância quando suas qualidades e valor são restabelecidos e reavaliados em relação à vida e à criação contemporâneas. Em vez de serem vistos como remanescentes de uma era passada ou exemplos de um passado distante e não moderno,

podem servir para ilustrar as preocupações contínuas e universais dos artistas e eras históricas¹².

Assim, reunir obras de arte de diferentes períodos da história colabora para que novas leituras e interpretações possam ser iniciadas e para que diferentes maneiras de ver e exibir possam ser exploradas.

Ao se criar estruturas para novas relações e sentidos entre obras de diferentes artistas ou de distintos períodos cronológicos, também se pode proporcionar a oportunidade de se explorar conexões alternativas e anteriormente não examinadas entre partes e segmentos aparentemente desassociados das coleções.

De um lado, isso colabora para o incentivo à experimentação curatorial nos métodos de exibição, fornecendo estímulo para discutir, abordar e reconsiderar o significado e as relações entre objetos e imagens, não apenas através de sua tradicional exibição linear e cronológica, mas também em termos comparativos e segundo temas e

questões de relevância e interação.

De outro lado, estimula a exibir obras de modos que incentivem a interpretação pessoal para que os visitantes façam distintas conexões entre elas, articulando diferentes níveis de compreensão a partir de formas apropriadas e válidas de exibição que possam fornecer um contexto mais acessível e inteligível para os não iniciados. E também despertar o interesse do público experiente e conhecedor com abordagens experimentais e relevantes por meio de exibições desafiadoras e imaginativas.

Desse modo, a busca pela relevância não se daria pelo total abandono ou diminuição dos valores históricos, sociais e artísticos das coleções de museus, mas através de uma combinação de interesses e abordagens que envolva explorar questões históricas da arte. Isso de modo a fornecer estímulo visual e educacional pertinentes e de interesse para o público e que incentivem um maior acesso, a fim de promover uma compreensão mais



Detalhe da exposição “MARGS 70+1 – Percursos de um acervo”, apresentada em 2025 no MARGS. Crédito: Anderson Astor

ampla e profunda da arte e das questões que envolvem o seu estudo e compreensão.

Nessa perspectiva, os museus de arte encontram possibilidades de abordar interesses continuamente importantes e mesmo permanentes, como sobre o que torna algumas obras mais significativas ou memoráveis para o espectador individual ou coletivo, sobre as maneiras pelas quais as interpretações podem ser feitas e sobre como a interação pessoal com obras de arte pode ser iniciada.

NOTAS

1. VON HANTELMANN, Dorothea. *The experiential turn. On performativity* (Elizabeth Carpenter, ed.). Minneapolis: Walker Art Center, 2014.
2. BISHOP, Claire. *Radical museology or, what’s ‘contemporary’ in museums of contemporary art?*. London: Koenig Books, 2014.
3. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo – História da arte e anacronismo das imagens*. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.
4. MEIJERS, Debora J. “The museum and the ‘ahistorical’ exhibition – The latest gimmick by the arbiters of taste, or an important cultural phenomenon?”. In: FERGUSON, Bruce; GREENBERG, Reesa; NAIRNE, Sandy (eds.). *Thinking about exhibitions*. London, New York: Routledge, 1996, pp. 5-14.
5. Id., *ibid.*, p. 5.
6. Id., *ibid.*, p. 13.
7. NECHVATAL, Joseph. “The Pleasures and Risks of Ahistorical Curating”. In: Hyperallergic Exhibitionist, 3

- jun. 2016. Disponível em: <https://hyperallergic.com/302563/the-pleasures-and-risks-of-ahistorical-curating/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
8. MEIJERS, op. cit., p. 9.
 9. Id., *ibid.*, p. 8.
 10. Id., *ibid.*, p. 13.
 11. Id., *ibid.*, p. 8.
 12. PANOURGIAS, Klio K. “Thematic Exhibitions: An Approach to Curating”. In: IMEROS Journal, Issue 3. Atenas: Foundation of the Hellenic World, 2003, s.p. Disponível em: <http://www.ime.gr/publications/print/imeros/en/03/index.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FRANCISCO DALCOL

Crítico e historiador da arte, curador, pesquisador, professor, jornalista e editor. Autor de produção intelectual em artes visuais, com atuação nas áreas museológica, acadêmica e editorial. Mestre e doutor em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica, com estágio de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa. Professor-colaborador do curso de pós-graduação Práticas Curatoriais (UFRGS). Na pesquisa acadêmica, dedica-se à investigação teórica e histórica em crítica e história da arte, estudos expositivos e curatoriais e história das exposições. Sua produção curatorial envolve projetos com artistas históricos e contemporâneos junto a acervos públicos e privados, desenvolvendo exposições individuais e coletivas em museus, instituições e galerias, assim como a editoração de catálogos, livros e publicações de arte. Professor-colaborador do curso de pós-graduação Práticas Curatoriais, do Instituto de Artes da UFRGS. Membro da AICA, da ABCA e da ANPAP. Desde 2019, é diretor-curador do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS).